

Uma apostila de Teoria da Comunicação de 1970: esboço de uma micro-história do pensamento teórico da Área¹

Luís Mauro Sá MARTINO²

Resumo:

Este artigo examina uma apostila da disciplina “Fundamentos Científicos da Comunicação – Teoria da Comunicação” ministrada na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1970. O objetivo, na esteira de pesquisas anteriores, é compreender o que se entendia por “Teoria da Comunicação” naquele momento. A análise situa a apostila no contexto teórico da época e a contrasta com pesquisas subsequentes. A pesquisa indicou três elementos principais: (1) a preponderância de autores norte-americanos, seguidos de europeus, mas nenhum latino-americano ou brasileiro; (2) a disciplina engloba uma ampla gama de assuntos, das teorias da aprendizagem à Sociologia; (3) a definição de “comunicação” inclui diversos aspectos da interação humana mas, curiosamente, parece excluir as habilitações profissionais, como Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas. Esses elementos são considerados dentro das problemáticas da Epistemologia da Comunicação.

Palavras-chave:

Epistemologia. Teoria da Comunicação. Micro-história. Ensino. USP.

Reading a Communication Theory course textguide from 1970: an essay in the area’s micro-history

54

Abstract:

This paper examines a Communication Theory course textguide from Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, taught in 1970. The goal is to understand what was taught as the subject. It analyses the textguide against the background of Communication studies available at the time, and contrasting with subsequent research. This has led to three main findings: (1) the overwhelming preponderance of North-American authors, with some europeans, but no Latin-American or Brazilian; (2) as a discipline, ‘communication theory’ encompasses a wide range of subjects, from learning theories to Sociology; (3) the definition of ‘communication’ includes several aspects of human interaction but, curiously, it seems to exclude Journalism, Advertising and Public Relations. These findings are framed against a background of studies in Communication Epistemology and Research.

Keywords:

Epistemology. Communication Theory. Micro-history. Teaching. USP.

Una apostilla de Teoría de la Comunicación de los 1970: esbozo de una micro-historia del pensamiento teórico en Área

Resumen:

Este artículo examina una apostilla de la disciplina “Fundamentos Científicos de la Comunicación - Teoría de la Comunicación” usada en la Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo em 1970. El objetivo, en la estera de investigaciones anteriores, es comprender lo que se entendía por “Teoría de la Comunicación” en aquel momento. El análisis sitúa la apostilla en el contexto teórico de la época y la

¹ O autor agradece os comentários e sugestões dos pareceristas anônimos pelas relevantes contribuições ao texto. E também à Profa. Dra. Monica Brincalpe Campo (Universidade Federal de Uberlândia) e Prof. Dr. José Augusto Dias Jr. (Cáster Líbero) pelas valiosas recomendações sobre História e historiografia.

² Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cáster Líbero.

contrasta con investigaciones subsiguientes. La investigación ha indicado tres elementos principales: (1) la preponderancia de los autores de norteamérica, seguidos por los europeos, pero ningún brasileño o latinoamericano; (2) la disciplina engloba una amplia gama de temas, de las teorías del aprendizaje a la Sociología; (3) la definición de “comunicación” incluye innumerables aspectos de la interacción humana pero, curiosamente, parece excluir las cualificaciones profesionales. Estos elementos son considerados dentro de las problemáticas de la Epistemología de la Comunicación.

Palabras-clave:

Epistemología. Teoría de la Comunicación. Micro-historia. Educación. USP.

Advertising as a collective action: agencies, business models and professional fields

Abstract:

This paper analyzes the constitution of the advertising field from the birth of companies that organize productive models and professional identities around collective actions. It is based on the premise that the agency was the institution responsible for outlining the conditions for the existence of a segment, which had never existed before. This study concentrates on the examination of the first professional dispositions instituted by the agencies between the mid-nineteenth and early twentieth centuries in the United States and Europe and the subsequent reproduction of this pattern of business in Brazil. Thus, it is sought to highlight, with the historical path of these pioneer agencies, the emergence of professional functions and their forms of action combined for the social recognition of advertising field.

Keywords: Agencies. Collective Action. Professional field. Howard Becker. Eclética.

La publicidad como acción colectiva: agencias, modelos de negocios y campos profesionales

55

Resumen:

Este trabajo analiza la constitución del campo publicitario a partir de la aparición de empresas que organizan modelos productivos e identidades profesionales en torno a acciones colectivas. Se parte de la premisa de que la agencia fue la institución responsable de trazar las condiciones de existencia de un segmento, hasta entonces inexistente. El estudio se centra en el examen de las primeras disposiciones profesionales instituidas por las agencias entre mediados del siglo XIX y principios del siglo XX en los Estados Unidos y Europa y la posterior reproducción de ese patrón de negocios en Brasil. Así, se pretende realzar, con el recorrido histórico de esas agencias pioneras, el surgimiento de funciones profesionales y sus formas de actuación conjugadas para el reconocimiento social de la publicidad.

Palabras clave:

Agencias. Acción Colectiva. Campo. Howard Becker. Eclética.

Introdução

No mês de agosto de 1970, ao que tudo indica, as alunas e alunas do então recente curso de Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) iniciaram seu semestre letivo tendo, no currículo, a disciplina “Fundamentos Científicos da Comunicação II”, ministrada pela professora Nelly de Camargo. Os estudantes parecem ter recebido, na ocasião, um roteiro de aula datilografado, apresentado em duas apostilas publicadas em uma “Série Comunicações”. Na parte interna da capa, logo abaixo do nome da disciplina, aparece um subtítulo: “Teoria da Comunicação”.

Esse material está disponível sob a catalogação F001.51 – C14f, volumes 1 e 2, na biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Trata-se de um documento de interesse para os estudos de Epistemologia da Comunicação: é o registro de um momento do pensamento teórico da Área. A partir dele, podemos vislumbrar o que era entendido como “Teoria da Comunicação” naquele início dos anos 1970. Essa apostila é provavelmente um dos poucos registros publicados, junto com o que Flusser (2014) apresenta em sua autobiografia, do ensino de Teoria da Comunicação.

Essa apostila está dividida em dois volumes, correspondendo, cada um, a um bimestre letivo (agosto-setembro; outubro-novembro). Trata-se de um total de vinte e quatro folhas, divididas de maneira desigual: 18 páginas no primeiro volume, 30 no segundo. No cabeçalho de cada uma das folhas do primeiro volume está o título da aula, com indicação do conteúdo, a identificação do local (“Escola de Comunicações e Artes”), o nome da disciplina e da professora. No rodapé, um espaço para ser preenchido a cada aula: “Pertence esta fôlha a _____ Alun_ do ___ ano da _____ – 1970”. Logo abaixo, “Roteiro de aula do dia ___ de ___ de 1970”.

Trata-se, rigorosamente, de um material didático, elaborado pela professora para o acompanhamento das aulas. Ao mesmo tempo, como documento histórico, seu interesse não é apenas pelo que mostra, mas pelas ausências e perguntas que desperta. Permite conhecer um fragmento do passado da teoria como a articulação desse discurso com as práticas de sala de aula e, em um contexto mais amplo, com os cursos de Comunicação.

O objetivo deste texto é delinear o que se entendia, naquele momento, por “Teoria da Comunicação”. Em termos específicos, trata-se de conhecer as matrizes epistemológicas do que era apresentado como tal.

Vale, de saída, uma breve nota metodológica sobre o tema.

É importante sublinhar o caráter de aproximação deste texto: não sendo escrito por um historiador, arrisca-se a lançar mão de elementos distantes do que Quiroga (2013) denomina “episteme comunicacional”, e se propõe a dialogar com a ideia da “micro-história”, conforme definida por Levi (2016), Chartier (2009) e Barros (2007) enquanto parte de um referencial para os procedimentos metodológicos necessários para a análise do objeto empírico.

O movimento ao qual se arrisca o texto é uma intersecção entre a macro-história do pensamento em Comunicação – elaboradas, em registros diferentes, por Mattelart e Mattelart (1999), França (2001), Melo (2003; 2008), Torrico Villanueva (2004) e Miége



(2008) – com a micro-história em um documento de trinta páginas. Delineia-se nisso algo da formação do que Lopes (2003; 2006) apresenta como campo da Comunicação.

Como recorda Barros (2007, p. 169), nesta perspectiva, o objeto pode ser “uma prática social específica, a trajetória de determinados atores sociais, um núcleo de representações, uma ocorrência (...) ou qualquer outro aspecto que o historiador”, por seu turno, entenda como “revelador em relação aos problemas sociais ou culturais que está disposto a examinar”.

Quando pensamos em uma história das teorias ou do pensamento em Comunicação, podemos nos perguntar sobre até que ponto não é necessário um olhar sobre os problemas da elaboração histórica do passado, mesmo – ou talvez sobretudo – quando se trata do passado de ideia, lembrando, com Bachelard (1971; 2004), que a história de uma ciência é parte integrante de sua epistemologia.

Se o olhar incide sobre a microescala de um único documento, aqui, é porque a partir de algumas das linhas de força contidas nele é possível compreender a macroescala de outros acontecimentos em seu contexto de origem.

O documento analisado é um texto circunstancial, notas de uma professora dedicada, escrito com finalidade pedagógica, e apresenta certo esquematismo pontuado por descontinuidades que certamente seriam preenchidas nas exposições orais e diálogos durante as aulas. Isso implica cuidado para não perder de vista as limitações de uma leitura feita quase meio século depois.

Seguindo, de maneira não ortodoxa, a noção do que Ginzburg (2009) chama de “paradigma indiciário”, entende-se que a apostila pode ser vista como um indício a partir do qual se vislumbra um recorte do pensamento comunicacional. Estamos diante de um saber, no sentido de Foucault (2010), disciplinar e disciplinado a partir das fronteiras epistemológicas delimitadas pelo que Bachelard (2011) denomina “obstáculos epistemológicos”.

Trata-se, neste artigo, de trabalhar essa apostila como um indício do que era entendido como Teoria da Comunicação em um espaço e tempo, articulado com um contexto epistemológico, institucional e pedagógico. E procurar, nesse momento de origem, pistas para compreender as vozes presentes nos estudos da Área.

Esse procedimento comporta três movimentos, a partir dos quais este texto se desenvolve: (1) contextualiza-se o documento em relação ao cenário do pensamento comunicacional de sua época, observando a bibliografia paralela disponível e algumas



demandas institucionais dos cursos. A partir disso, (2) uma análise do material apresentado como matrizes teóricas e conceituais para o estudo da Comunicação, para se chegar às (3) linhas teóricas que se delineiam na apostila, procurando suas ressonâncias com questões atuais de Teorias da Comunicação.

O contexto da apostila: qual o lugar da Comunicação?

O que uma apostila de Fundamentos Científicos da Comunicação, preparada para alunas e alunos da graduação da Escola de Comunicações e Artes, está fazendo catalogada na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, distante algumas centenas de metros no *campus* da Universidade de São Paulo?

Trata-se, a julgar pelas informações disponíveis no sistema de bibliotecas da USP, o único exemplar disponível em toda a universidade. Pelo seu formato, está catalogado entre os folhetos na biblioteca da FAU. Se não é possível reencontrar a trilha feita por esse documento de uma faculdade à outra, é possível encontrar nesse movimento algo das características da Comunicação como área de estudos.

O trânsito entre a Comunicação e outras Áreas parece sempre ter sido bastante amplo, a ponto de implicar, em alguns momentos – como retoma Neotti (1972) – uma descaracterização do curso e, talvez, da Área. A noção de “trânsito”, aliás, é no sentido de mão única: trata-se muito mais da inclusão, pela Comunicação, de saberes de outras áreas do que pela exportação de conceitos e ideias, como a apostila deixará claro. Assim, poderia surpreender que um texto didático sobre Comunicação esteja localizado em outra área do saber, relativamente distante.

Esse trânsito pode ser compreendido quando se leva em consideração as possibilidades de, ao menos naquele momento, entender o estudo da Comunicação como algo que se espalhava por vários espaços: a arquitetura e o urbanismo, por exemplo. A título de exemplo, Décio Pignatari (2005) dedica ao menos um livro ao estudo do urbanismo e da arquitetura sob um prisma comunicacional. Em termos institucionais, é importante lembrar também que, entre 1974 e 1998, dois expoentes da pesquisa em Comunicação, Lucrécia D’A. Ferrara e o próprio Pignatari lecionaram na FAU. Pignatari defendeu sua livre-docência nessa faculdade.

O diálogo entre Comunicação e Arquitetura e Urbanismo, portanto, parece ter comportado alguma troca de ideias no período que se segue à elaboração da apostila. Não é de todo impossível, portanto, que em algum momento a demanda por material específico



sobre Comunicação tenha levado à disponibilidade do texto para alunas e alunos da FAU, o que justificaria a presença do documento lá.

A bibliografia do período indica outras possibilidades desse tipo de trânsito no que se poderia chamar de uma análise “comunicacional” da arquitetura: *Informação, Linguagem, Comunicação*, de Décio Pignatari, lançado em 1967, faz menções ao tema; *A estrutura ausente*, de Umberto Eco (2010), traduzida em 1971, tem um capítulo sobre a arquitetura de Brasília; em 1979, Teixeira Coelho (1979; 1980) publica *A construção do sentido na Arquitetura* e, no ano seguinte, *Semiótica, Informação, Comunicação*; em 1981, Lucrécia Ferrara (1981) apresenta *A estratégia dos signos*, também construindo pontes entre Comunicação e Arquitetura.

Assim, a presença de uma apostila de Fundamentos Científicos da Comunicação na biblioteca da FAU, apesar de certo estranhamento, parece estar de acordo com algumas linhas de compreensão da arquitetura a partir de um ponto de vista comunicacional, marcadamente semiótico, vale observar, mas naquele momento parecia haver uma proximidade entre as questões voltadas à “informação”, “comunicação” ou “semiótica”, como sugere um texto fundador de Pignatari (1967).

Há, no entanto, uma dissonância a observar. Se essa perspectiva de um trânsito entre comunicação, urbanismo e arquitetura pode ser validada, o elemento propriamente “comunicacional” estava voltado sobretudo à ideia da elaboração do sentido, dos significados do arquitetônico no conjunto urbano, tema ausente da apostila de Fundamentos Científicos da Comunicação, exceto por uma menção à Teoria Matemática da Comunicação nas páginas 5-9 do primeiro volume.

Um segundo problema contextual refere-se às indicações bibliográficas constantes na apostila. Não há, ao menos no material disponível, uma lista de leituras ao final. As recomendações bibliográficas são feitas na própria apostila, muitas vezes apenas com o sobrenome do autor, indício, talvez, de complementações durante as aulas.

Em termos numéricos, são citados 78 autores e/ou obras: nem sempre é possível diferenciar, porque, ao longo dos dois volumes da apostila, as recomendações ora são de livros, ora citando apenas autores, em geral, apenas o sobrenome, em letras maiúsculas, sem indicação da obra. Nota-se um predomínio de autores norte-americanos, com algum destaque para Shannon e Weaver, Schramm, Lasswell, Festinger e Osgood. Exceto Sartre e Foucault, nenhum outro autor do universo franco-ibérico é mencionado, assim como não há referências a autores latino-americanos e a nenhum brasileiro.



Poucas obras são citadas nominalmente, embora na página 10 do segundo volume exista a indicação “vide bibliografia”. Como não há referências ao final do volume, pode-se imaginar se por “bibliografia” estavam entendidas as referências no próprio corpo do texto ou se havia uma relação disponível às alunas e alunos em outro lugar. As obras citadas – e disponíveis em português naquele momento – estão listadas no Quadro 01:

Quadro 01: obras citadas disponíveis em português

Obra	Origem
CRUTCHFIELD, R. S.; KRECH, D. Elementos de Psicologia. São Paulo: Pioneira, 1963 [1958]	Psicologia
CRUTCHFIELD, R. S.; KRECH, D.; BALLACHEY, E. O indivíduo na sociedade. São Paulo: Pioneira, 1962.	Psicologia Social
ECO, U. Apocalípticos e Integrados. São Paulo: Perspectiva, 1970.	Semiótica
ECO, U. Obra Aberta. São Paulo: Perspectiva, 1968.	Semiótica
FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes / Lisboa: Portugália, 1966.	Filosofia
HAYAKAWA, S. I. A linguagem no pensamento e na ação. São Paulo: Pioneira, 1963.	Psicologia
HILGARD, E. R. Teorias da Aprendizagem. 2a. Edição. São Paulo: Ed. Usp, 1969.	Psicologia
JAKOBSON, R. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1969.	Linguística
SARTRE, J-P. As palavras. São Paulo: Difel, 1964.	Filosofia
STEINBERG, C. (org.) Meios de Comunicação de Massa. São Paulo: Cultrix, 1966.	Comunicação

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Camargo (1970)

Na apostila as referências trazem apenas o nome da obra e do autor: estamos distantes, ao que parece, da era das citações estilo ABNT: autor e título eram considerados suficientes. Os dados de cada edição podem ser recuperados apenas parcialmente: o livro *Elementos de Psicologia*, por exemplo, teve duas edições anteriores à apostila (1958 e 1966), e não é possível saber de qual delas se trata.

Predominam, em consonância com as demais temáticas da apostila, autores da psicologia norte-americana, como D. Krech, R. Crutchfield e E. Ballachey, além de S. I. Hayakawa e E. Hilgard. Levando em conta, como será visto adiante, que boa parte da apostila é dedicada a modelos e interpretações oriundas dos Estados Unidos, essas recomendações soam coerentes com o conjunto do trabalho.

Surpreende, no entanto, a inclusão de *As palavras e as coisas*, de Michel Foucault: o livro havia sido publicado apenas quatro anos antes, em 1966, pela editora Gallimard, e uma tradução luso-brasileira estava disponível pela Martins Fontes.

Vale observar também a presença de uma bibliografia contemporânea daquele momento: Umberto Eco e Roman Jakobson, recém-editados no Brasil – pelas então novas editoras Perspectiva e Cultrix – estão incluídos como referências, o que indica um diálogo do curso com as temáticas em circulação na Área. *As palavras*, de Jean-Paul Sartre, se inseria no conjunto de traduções de sua obra pela editora Difel.

Psicologia, Psicologia Social, Linguística, História, Biografia: a pluralidade de origens das obras recomendadas de alguma maneira é indicativa de uma tendência da Área de Comunicação que se estenderia pelas décadas seguintes, a justaposição de saberes de áreas diversas, articulados com os fenômenos comunicacionais.

Isso leva ao próximo item: o que significam, na apostila, “Comunicação” e “Teoria da Comunicação”?

As matrizes teóricas e a pluralidade de abordagens

O título da apostila é inequívoco: “Fundamentos Científicos da Comunicação”, no primeiro volume, com o acréscimo do “II” na parte interna da capa. No segundo volume, o numeral aparece já na capa. Nos dois casos, na segunda capa, logo após o nome, aparece “Teoria da Comunicação”. Algumas perguntas podem ser feitas a partir desses nomes: por que “Teoria da Comunicação” vem como subtítulo de “Fundamentos Científicos da Comunicação”? Trata-se de uma especificidade do segundo módulo da disciplina ou cobre todo esse período? E por que o número “II” está ausente da capa do primeiro volume,

embora conste da página interna? Trata-se de erro tipográfico ou, em vez de dois volumes, estamos diante de dois módulos da mesma disciplina?

Podemos começar por esta última pergunta. A perspectiva de dois módulos parece ganhar alguma força quando examinamos, na contracapa do segundo volume, os outros títulos da “Série Comunicação”: são, de fato, de duas apostilas separadas. O primeiro volume é identificado como título n° 9 da coleção, e o segundo como n° 12. Se está correto, então trata-se de duas apostilas como material de apoio.

O nome duplo, no entanto, permanece: os dois volumes têm, como subtítulo, “Teoria da Comunicação” e boa parte do material apresentado seria, de fato, entendido com esse nome. É possível notar o predomínio de estudos relacionados à psicologia do comportamento, teorias da aprendizagem e pesquisas em comunicação de massa.

Harold Lasswell, Kurt Lewin, Josef Kappler, Claude Shannon e David Weaver, Bernard Berelson, Paul Lazarsfeld e Wilbur Schramm, nomes vinculados ao que posteriormente se chamou de Escolas Norte-Americanas – a respeito, ver Varão (2010) – de pesquisa, são predominantes. Essas indicações parecem sugerir uma busca pela sustentação de disciplinas já consagradas em um modelo de “ciências humanas” pautado nas ciências naturais.

Isso pode justificar, de alguma maneira, o nome “Fundamentos Científicos da Comunicação” dado à apostila, deixando “Teoria da Comunicação” como subtítulo. Naquele momento, inclusive, parece que os dois nomes eram intercambiáveis, mas apontando um movimento de passagem do primeiro ao segundo, que iria se impor nas décadas seguintes: a partir de 1972-73 a expressão “Fundamentos Científicos” entra em declínio na bibliografia, sendo substituída por “Teoria da Comunicação”.

No momento de elaboração da apostila, no entanto, o cenário ainda não estava definido e os dois nomes circulavam na Área sem delimitação ou predomínio entre eles. Por exemplo, o livro *Fundamentos Científicos da Comunicação*, organizado por Adísia Sá, é de 1971, na coleção *Pesquisa em Comunicação*, da Editora Vozes, provavelmente a primeira dedicada exclusivamente à Área. A mudança pode ser observada também quando se leva em conta que outro livro intitulado *Fundamentos Científicos da Comunicação*, publicado em 1973 por Luiz Beltrão, será revisto e publicado novamente dez anos depois com o título de *Teoria da Comunicação*.

O nome “Fundamentos Científicos” parece ter encontrado alguns problemas. Em outro contexto – ver Martino, L. M. (2011) – de ensino, a expressão e a extensão de seu



conteúdo recebiam críticas no ambiente universitário. Em um número especial da *Revista de Cultura Vozes* publicado em 1972, dedicado ao ensino de Comunicação, há uma reflexão de Dória (1972, p. 599) que caracteriza esse nome como “pomposo e obscuro”, que “permitia aos docentes total liberdade no assunto a ser tratado”. No mesmo parágrafo, refere-se às dificuldades de estabelecer fronteiras da “Teoria da Comunicação”; novamente os dois nomes se referem ao mesmo domínio disciplinar.

Mas qual era, de fato, esse domínio? A julgar pelo conteúdo da apostila, é um referencial que percorre, com facilidade, todo o espectro das ciências humanas.

Na primeira página do volume 1, um diagrama, ocupando toda a folha, situa a Comunicação como “Campo Interdisciplinar de Análise do Comportamento” (por razões técnicas, sua reprodução neste artigo não é possível). O diagrama contempla a Comunicação no centro de uma intersecção direta entre Psicologia e Sociologia, cercada por outras disciplinas (Filosofia, Economia, Ciências Matemáticas, Cibernética e Ciências Físicas e Biológicas, entre outras) e por práticas sociais (Saúde, Religião, Administração, Política, Educação, Psiquiatria, mas também Jornalismo, Propaganda, Relações Públicas, Rádio-Cinema-Televisão).

Ao menos dois pontos do diagrama merecem comentário.

Em primeiro lugar, a Comunicação é apresentada como intersecção entre Psicologia e Sociologia e separada – note-se – de Jornalismo, Propaganda, Relações Públicas, Rádio-Cinema-Televisão. Os processos de comunicação eram entendidos como base, mas não se confundiam com sua aplicação nas habilitações profissionais. Se esta leitura está correta, a busca da disciplina era encontrar fundamentos transversais para os fenômenos da Comunicação, que só em um segundo momento veriam sua realização em práticas sociais.

Segundo, nos anos seguintes, essa matriz psicológica seria progressivamente abandonada nos estudos de Comunicação; ao mesmo tempo, a matriz de estudos da linguagem, que ganharia considerável importância em termos de Semiótica e Análise do Discurso, está ausente do diagrama.

O segundo ponto diz respeito ao uso, já naquele momento, da palavra “interdisciplinar” para caracterizar a Comunicação. O tema, mais para frente, seria problematizado de diversas maneiras por, entre outros, por L. C. Martino (2001; 2005), Boaventura (2014) e L. M. Martino (2008, 2010). Os aportes presentes na apostila se



espalham em muitas direções, com uma considerável distância entre os vários conceitos – e fenômenos – vistos na Comunicação.

É possível perguntar de qual interdisciplinaridade se estava falando. A rigor, há uma sucessão de abordagens de fenômenos diversos, em uma perspectiva elástica o suficiente para incluir desde questões relacionadas à influência da mídia nos processos políticos até teorias da aprendizagem. Essa variedade de assuntos, no entanto, talvez não seja suficiente para se falar em “interdisciplinar”, pensando na ausência de transversalidades entre as temáticas. Isso conduz a um último ponto: observar o cânone delineado nesse material.

A formação de um cânone teórico?

Ao que tudo indica, não havia muito o que ler para quem estudava Comunicação naqueles primeiros anos de institucionalização dos cursos universitários; sobre sua história, ver Moura (2002) ou Hohfeldt (2008; 2017). Mas as mudanças estavam ocorrendo: o período no qual a apostila foi usada, início dos anos 1970, em particular, parece ter visto uma efervescência de publicações sobre Comunicação – talvez não seja errado ver nisso um eco da institucionalização dos cursos universitários da área em 1969. A reunião dos então separados cursos de Jornalismo, Relações Públicas, Publicidade e Propaganda, Radialismo, Cinema e Editoração em um único espaço, a “Comunicação”, parece ter criado problemas para se elaborar a base teórica de uma Área criada por decisão oficial; sobre isso, ver Melo (2008) e L. M. Martino (2011).

Nesse contexto são publicados os que parecem ter sido os primeiros livros teóricos sobre Comunicação. Além do mencionado título de Adísia Sá, de 1971, também são lançados os livros de Marcelo C. D’Azevedo, *Teoria da Informação* (1971), *Comunicação, Linguagem, Automação* (1970) e *Atenção – Signos – Graus de Informação* (1973), estes últimos planejados também como material didático para um curso universitário da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (sintomaticamente, na Faculdade de Arquitetura), além dos já existentes textos de Pignatari (1967) e Vellozo (1969).

Há, nessa bibliografia, um predomínio das questões ligadas à informação, tomada ora como sinal, ora como signo, neste caso, abordagens predominantemente peirceanas. Uma coletânea de textos sobre Comunicação, o livro *Teoria da Cultura de Massa*, organizado por Luiz Costa Lima (1969) era recente; outra coletânea, *Comunicação e Indústria Cultural* (1971), com textos reunidos por Gabriel Cohn, só sairia no ano seguinte.

Todo um debate sobre cultura, política e sociedade, representado por textos de Lukács, Benjamin e Adorno, assim como o impacto das obras de McLuhan, já editados na época, não se fazem, no entanto, sentir na apostila.

É interessante notar que esses autores, que nas décadas seguintes formariam o repertório dos estudos de Comunicação, estavam ausentes da apostila, e é possível questionar, traçando as linhas gerais de um paralelo, em que medida esse descompasso também não acontece na atualidade. França (2001) e Barbosa (2002), por exemplo, estudando o desenvolvimento da Área em termos de transformações de modelos, observam alguns desses limites entre a “teoria” e os “referenciais teóricos”.

Ao longo dos dois volumes estão espalhadas referências à Filosofia, se não em termos diretos, ao menos nas menções a Heráclito, Platão, Berkeley e Hegel. Sua presença parece ser mais no sentido de indicar origens e derivações dos estudos de comunicação presentes na apostila.

O “cânone” teórico da Comunicação exposto na apostila “Fundamentos Científicos da Comunicação” é, fundamentalmente, um cânone norte-americano, de matriz sociológica, informacional e psicológica comportamental.

Uma lista das matérias tratadas na apostila pode auxiliar na visualização do argumento, lista aproximada, uma vez que não há sumário:

Quadro 02: Sumário aproximado do conteúdo da apostila

Volume 01

(1) A Comunicação

(2) Literatura sobre Comunicação Humana: Teoria da Informação de Shannon e Weaver, Teorias da Aprendizagem, Teorias da Personalidade, Dinâmica de Grupo, Semântica

(3) Pesquisa – Formas de Abordagem: Observação. Experimentação Método diferencial

(4) Quatro linhas pioneiras de investigação em C. Humana: Lasswell, Lazarsfeld, Lewin e Hovland

Volume 02

(5) Efeitos da Comunicação: Wilbur Schramm (Comunicação de Massa); Maletzke

(6) Teorias da Aprendizagem – Psicologia; Osgood; Schramm (Comunicação Interpessoal)

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de Camargo (1970).

Finalmente, a apostila não nos deixa esquecer que estamos diante de um material didático para um curso universitário e isso inclui também a avaliação. Na penúltima página do primeiro volume há um “Execício de observação sobre comunicação”.

As questões estão divididas não apenas segundo conceitos, mas em termos de sua observação em situações práticas. Uma é intitulada “Diferenças entre educar e divertir”, outra pede “Tomar uma situação de Comunicação onde a ‘fonte’ tenha falhado em seu objetivo. Observar os ‘porque’, as razões”. A página seguinte é um “Roteiro metodológico para a elaboração dos trabalhos práticos”, em oito itens, semelhantes a um projeto de pesquisa. A proposta é a “observação da realidade”: nota-se um predomínio da perspectiva empírica, conforme o cânone da apostila, dentro de uma matriz de efeitos.

No conjunto, nos aproximamos do que Braga (2014) denomina um “conhecimento aforístico” na ausência de uma “ciência normal” nos estudos de Comunicação: algumas ambiguidades relativas à formação teórica podem ser notadas nas linhas que se delimitam no espaço disciplinar nessa apostila.

A apostila também traz perspectivas críticas a esse cânone: estamos diante de um texto-base para discussão em sala de aula, e é possível ver fragmentos dessa dinâmica a partir de pistas no texto. Há, no segundo volume, indicação das interações em sala, como “ex. da moça e do rapaz. Expect. do grupo sobre o comportamento”, na página 3; “Caso da Coréia”, na página 4; e “Ocupação durante a guerra – França”, na página 5.

A crítica aos modelos também está presente: na página 12 do primeiro volume, a precisão da concepção matemático-informacional de Shannon e Weaver é confrontada com a dificuldade de mensurar os processos comunicacionais, como a educação e o teatro. Tendo em mente os livros disponíveis naquele momento, é possível notar que outras paisagens teóricas já estavam se descortinando no estudo da Comunicação: em cerca de uma década, transformariam o conjunto dos estudos da Área.

Considerações finais

Pensar um exercício de micro-história da Teoria da Comunicação, na abordagem da apostila “Fundamentos Científicos da Comunicação”, auxilia a vislumbrar aspectos que talvez não fossem evidentes em uma abordagem mais ampla. É possível tecer ligações entre o material e as escalas mais amplas presentes em sua formação, no sentido indicado por Hohfeldt (2008), da circulação de ideias e teorias.

Longe de qualquer pretensão de reconstruir ou mesmo enxergar o passado, propõe-se o enfrentamento da questão sabendo de seus limites e entendendo que se trata de uma interpretação elaborada mais de quarenta anos depois do documento original, com um número limitado de dados para contextualizá-lo.

Essas precauções metodológicas auxiliam a observar algumas configurações da Área de Comunicação se entrelaçando no interior do documento. Procurou-se, por isso mesmo, situar a apostila em seu contexto teórico e institucional na medida em que obras do período estivessem disponíveis.

A presença de uma matriz comunicacional norte-americana, a distinção entre o fenômeno comunicacional e suas manifestações aplicadas, os problemas da disciplinaridade nas intersecções com outras áreas, a ausência de consenso sobre o que é “Teoria da Comunicação” estão, aparentemente, presentes na apostila, embora possamos questionar se não se trata de preocupações contemporâneas projetadas em um passado que resiste em ser apreendido.

Observando a apostila como vestígio de um instantâneo na história da teoria e pesquisa em Comunicação, é possível encontrar ressonâncias em desafios que perduram até hoje na Área. Um deles pode ser resumido com uma afirmação presente na página 12 do primeiro volume da apostila, dita não sem algo de prenunciador para as décadas seguintes: ao observar os limites de uma abordagem, a autora conclui: “Daí a dificuldade da Pesquisa em Comunicação”. Algo válido, por que não, até hoje.

Referências

BACHELARD, Gaston. **Epistemologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

BACHELARD, Gaston. **Filosofia do Não**. Lisboa: Presença, 2004.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011

BARBOSA, Marialva. Paradigmas de construção do campo comunicacional. *In*: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHFELD, Antonio (org.). **Tensões e objetos da pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002, pp. 73-79.

BARROS, José D'Assunção. Sobre a feitura da micro-história. **Opsis**. Goiânia, v. 7, n. 9, p. 167-185, jul./dez. 2007. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/download/9336/6428>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BELTRÃO, Luís. **Fundamentos científicos da Comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1973.

BOAVENTURA, Katrine Tokarski. **A comunicação e a perspectiva interdisciplinar: um mapa de definições, usos e sentidos do termo.** 2014. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2014. Disponível em <http://repositorio.unb.br/handle/10482/16348>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRAGA, José Luiz. Um conhecimento aforístico. **Questões transversais.** São Leopoldo, v. 2, n. 3, p. 44-53, jan./jul. 2014. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/8554>. Acesso em: 10 junho. de 2019.

CAMARGO, Nelly de. **Fundamentos Científicos da Comunicação – Teoria da Comunicação II.** São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São paulo, 1970 (Apostila).

CHARTIER, Roger. **Entre memória e história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009

COELHO NETTO, J. Teixeira. **A construção do sentido na arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1979.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e Comunicação.** São Paulo: Perspectiva, 1980.

COHN, Gabriel. (org.) **Comunicação e indústria cultural.** São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.

D'AZEVEDO, Marcelo Casado **Comunicação Linguagem Automação.** Porto Alegre: Edições URGS, 1970 (Coleção Cadernos Universitários).

D'AZEVEDO, Marcelo Casado. **Teoria da Informação.** Petrópolis: Vozes, 1971.

D'AZEVEDO, Marcelo Casado **Atenção Signos Graus de Informação.** Porto Alegre: Edições URGS, 1973 (Coleção Cadernos Universitários).

DORIA, Francisco. Apresentação do Dossiê Escolas de Comunicação e Profissionalização. **Revista de Cultura Vozes.** Petrópolis: Vozes, ano 66, v. 66, n. 8, out. 1972.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **A estratégia dos signos.** São Paulo: Perspectiva, 1981.

FLUSSER, Vilém. **Bodenlos.** São Paulo: Annablume, 2014.

FRANÇA, Vera. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê?. *In:* FRANÇA, Vera; PAIVA, Raquel; WEBER, Maria Helena; MOTTA, Luiz Gonzaga (org.) **Estratégias e culturas da comunicação.** Brasília: UnB, 2001, p. 13-29.

GUINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HOHFELDT, Antonio. Teoria da comunicação: a recepção brasileira das correntes de pensamento hegemônico. *In.* MELO, José Marques de. **O campo da comunicação no**

Brasil. Petrópolis: Vozes, 2008, pp. 23-36.

HOHFELDT, Antonio. Produção editorial e as publicações de pesquisa. *In: CICLO DE ESTUDOS EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, 40., 2017, Curitiba. (Apresentação oral).

LEVI, Giovanni. Micro-história. *In: BURKE, P. A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 2016, p. 133-162.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 13, n. 30, p. 16-30, ago. 2006. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3372>>. Acesso em 10 de junho de 2019.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. *In: _____ (org.). Epistemologia da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, pp. 277-294..

MARTINO, Luiz Claudio. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. *In: CAPPARELLI, Sérgio; SQUIRRA, Sebastião; SODRÉ, Muniz. (org.). A Comunicação revisitada*. Porto Alegre: Sulina, 2005, pp. 41-66.

MARTINO, Luiz Claudio. Interdisciplinaridade e objeto de estudos da Comunicação. *In: FAUSTO NETO, Antonio; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrell. (org.). O campo da Comunicação*. João Pessoa: UFPB, 2001, pp. 77-90.,

MARTINO, Luís Mauro Sá. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, v. 15, n. 36, p. 111-117, ago, 2008. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/index>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia (1967-1986). **Comunicação Midiática**. Bauru, v. 6, n. 1, p. 118-133, jan./abr. 2011. Disponível em <<https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/344>> Acesso em 10 de junho de 2019.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Quatro ambivalências na teoria da comunicação. **Rumores**, São Paulo, v. 4, n. 8, 2010. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/51207/55277>>. Acesso em 10 jun. 2019.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michelle. **História das teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MELO, José Marques de. **História do pensamento comunicacional**. São Paulo: Paulus,

2003.

MELO, José Marques de. **História política das ciências**. Rio de Janeiro: Campus, 2008.

MIEGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOURA, Claudia Peixoto de. **O curso de comunicação social no Brasil**. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2002.

NEOTTI, Clarêncio. Apresentação do Dossiê Teoria da Comunicação. **Revista de Cultura Vozes** Petrópolis, Vozes, Ano 65, Vol. 65 no. 9, Novembro 1971.

OLIVEIRA FILHA, Elza Ecos de Pignatari. **Mutirão do brasileiro comunicacional**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista, s. d. Disponível em: <http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/decio-pignatari>. Acesso em: 10 jun 2019.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica da Arte e da Arquitetura**. Cotia: Ateliê, 2005.

QUIROGA, Tiago. **Pensando a episteme comunicacional**. Campina Grande, PB: Ed. UFPB, 2013.

SÁ, Adísia. Fundamentos filosóficos da Comunicação. In: _____. (org). **Fundamentos Científicos da Comunicação**. 2a. Edição: Petrópolis: Vozes, 1973.

TORRICO VILLANUEVA, Erik Rolando. **Abordajes y periodos de la teoria de la comunicación**. Buenos Aires: Norma, 2004.

VARÃO, Rafiza. 2010. Notas sobre o mito dos quatro fundadores do campo comunicacional: coisas que ninguém nunca viu antes e pensamentos que ninguém teve. **Líbero**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 77-86, jun. 2010.

VELLOZO, Silvio Luiz. **Teoria Geral da Comunicação Coletiva**. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1969.

Submetido em: 24.10.2018

Aprovado em: 06.03.2019